

A CONDENAÇÃO DE MESTRE ECKHART
APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO
DA BULA PAPAL
IN AGRO DOMINICO

Rodrigo Guerizoli
Universidade de Colônia (Alemanha)

1. O processo

No dia 27 de março de 1329 o canonista Jacques Duèse (ca. 1244-1334), desde 1316 papa João XXII, mandava publicar a bula *In agro dominico*. Com ela se punha fim ao primeiro processo inquisitório impetrado contra um mestre em teologia da ordem dominicana. Dezesete artigos sustentados por um certo doutor “das regiões alemãs, de nome Eckhart”, são categoricamente tachados como heréticos, recebendo outros onze o rótulo de “suspeitos de heresia”.

Na origem desse documento está a denúncia feita contra Mestre Eckhart em 1325/6 por alguns de seus confrades a Nicolau de Estrasburgo, então visitador papal no convento dominicano de Colônia, baseada no conteúdo de seus sermões junto ao povo iletrado. A partir desse fato,

o visitador vê-se obrigado a abrir uma investigação preliminar contra Eckhart. Não se trata ainda de um processo oficial e, nesse caso, a absolvição não tarda a se impor. Os denunciadores porém, insatisfeitos, não vêem então outra saída senão apelar às instâncias superiores, ou seja, ao arcebispo de Colônia, Henrique II de Virneburg. Assim, em meados de 1326 abre-se oficialmente em Colônia um processo inquisitório contra Mestre Eckhart. Como comissários e inquisidores do caso são escolhidos o cônego Reinerius Frisco e o franciscano Petrus de Estate, posteriormente sucedido por seu confrade Alberto de Milão.

Embora grande parte das atas do processo se tenha perdido, podemos ainda, com base nos documentos restantes, reconstruir suas etapas fundamentais. Legitimando o pedido de abertura de processo, os acusadores apresentam ao arcebispo de Colônia uma lista inicial de sentenças condenáveis extraídas do chamado *Liber Benedictus* — cujo texto compreende o “Livro da divina consolação” e o sermão sobre “O homem nobre”, ambos escritos por Eckhart em médio-alto-alemão¹. A essa lista segue-se uma resposta de Eckhart que, todavia, não chegou aos nossos dias. Em seguida, são preparadas mais duas listas de acusação, dessa vez compostas por sentenças provenientes da obra de Eckhart como um todo. Elas são respondidas em 26 de setembro de 1326, quando Eckhart apresenta oficialmente sua defesa aos comissários do processo. É atestada ainda a existência de uma quarta e última lista, perdida em seu texto original, mas aludida por Nicolau de Cusa em sua *Apologia doctae ignorantiae*, e cujo conteúdo teria sido baseado no comentário de Eckhart ao evangelho de João².

O próximo passo importante do processo se dá a 24 de janeiro de 1327. Eckhart apela à Santa Sé, argumentando que em Colônia os procedimentos jurídicos não estavam sendo levados a cabo com a imparcialidade que lhes era devida. Como resposta lhe é concedido defender-se em Avignon frente a uma nova comissão escolhida pelo papa; qualquer revisão de processo lhe é contudo negada. Em Avignon é formado um consistório que, com o auxílio de uma comissão de teologia, tem como tarefa avaliar as listas de acusação provenientes de Colônia. Todo o material é reduzido a um conjunto de 28 artigos que são então julgados

¹ DW V, 8-136. Tradução em língua portuguesa: MESTRE ECKHART, *O livro da divina consolação e outros textos seletos*, (trad. Raimundo Vier et alii), Petrópolis, 1991, 51-98. (As referências à obra de Mestre Eckhart seguem a edição crítica de Stuttgart: MEISTER ECKHART. *Die deutschen und lateinischen Werke*, (org. Deutschen Forschungsgemeinschaft), Stuttgart, 1936-. Abreviamos a obra latina por LW e a alemã por DW.

² LW III.

quanto à ortodoxia de seu conteúdo. O texto dessa avaliação, conhecido como *Votum Avinionense*, é composto pelos artigos extraídos da obra de Eckhart, e para cada um deles, por vezes agrupados por tratarem do mesmo tema, uma censura, uma alusão ao argumento de defesa de Eckhart, a réplica da comissão teológica e sempre o mesmo veredicto: "*Hunc articulum hereticum reputamus*".

Na última etapa do processo dever-se-ia então censurar publicamente os artigos condenados pelo consistório papal. Isso, se não houvesse nenhum pedido de revisão por parte do réu. Entrementes, porém, Eckhart, que já havia declarado oficialmente sua ortodoxia antes de deixar Colônia, morre, provavelmente em Avignon, nos primeiros meses de 1328, o que faz com que o processo encontre rapidamente seu fim. Seu resultado oficial, publicado cerca de um ano após a morte de Eckhart, foi a bula *In agro dominico*.

2. Elementos para a compreensão do sentido da *In agro dominico*

Se nos perguntarmos sobre a motivação filosófica da condenação de Mestre Eckhart, considerando insuficientes as explicações exclusivamente baseadas nos conflitos pessoais do convento de Colônia ou nas desavenças entre dominicanos e franciscanos, devemos em primeiro lugar identificar os temas condenados pela *In agro dominico*. Nesse sentido, distinguimos no texto cinco motivos principais: 1) a relação entre Deus e a criação; 2) a irredutibilidade de Deus ao modo de ser das criaturas; 3) a divinização do homem; 4) a unidade da essência divina; 5) o *aliquid* incriado na alma. Identificados os temas filosófico-teológicos em questão, pode-se esboçar uma compreensão filosófica da condenação de Mestre Eckhart através do esclarecimento do sentido de cada um desses motivos no conjunto de suas inter-relações, o que, por sua vez, significaria também compreender as razões que teriam fundamentado sua condenação por parte do consistório papal de Avignon. Sem a pretensão de superar os limites de uma apresentação, gostaríamos de retrair aqui os principais momentos dessa problemática.

Começamos pelo tema da divinização do homem. Hermenêutico-teologicamente, essa questão funda-se numa interpretação literal da inabitação do Verbo presente no prólogo do evangelho joanino³. Já em sua segunda observação ao versículo bíblico, Eckhart apresenta sua compreensão do tornar-se carne do Verbo divino:

³ Cf. *Jo* 1, 14 e a interpretação eckhartiana em *In. Ioh.*, n. 116ss [LW III, 101ss].

“Em segundo lugar, deve-se notar que o primeiro fruto da incarnação do Verbo, que é o Filho de Deus por natureza, é que nós somos filhos de Deus por adoção. Pois seria de pouca valia para mim que o Verbo se tivesse feito carne no Cristo para os homens, pressupondo-se que este seja distinto de mim, se ele não se tivesse igualmente feito carne em mim, pessoalmente, para que eu fosse filho de Deus”⁴.

Resguardando a diferença entre o “homem justo e divino” e o Cristo, Eckhart exige aqui que o advento da incarnação se realize na pessoa de cada homem, e não apenas numa figura histórica, singular e excelente. Essa mesma estrutura repete-se, sob uma forma mais radical, em sete dos artigos condenados em 1329, a saber, 10, 11, 12, 13, 20, 21 e 22 — todos provenientes de sermões alemães. Nesses artigos, a exigência de uma incarnação de aspecto pessoal é plenamente mantida; por outro lado, introduz-se aí implicitamente a exigência de uma unidade da incarnação, baseada na unidade da essência divina, que tem como imediata consequência a superação da diferença pessoal entre o homem divino e o Cristo. Se a incarnação é um evento unitário e pessoal, então aquele que aceita plenamente a inabitação do Verbo é um com o próprio Verbo, sendo “o Filho unigênito de Deus”.

Filosoficamente, por sua vez, a exigência da inabitação pessoal do Verbo finca suas raízes na teoria do intelecto de origem grega. O penúltimo dos artigos condenados pela *In agro dominico* remete exatamente a esse contexto. Tratando do famoso *aliquid in anima*, e estabelecendo que esse “algo” tem como características ser incriado e possuir natureza intelectual, tal artigo aproxima dois conceitos fundamentais — criação e intelecto — que, em sua articulação, fornecem a possibilidade de se compreender filosoficamente o problema inicialmente teológico do sentido da inabitação do Verbo divino.

A questão já fora colocada com clareza pela tradição. Aristóteles, ele próprio na esteira de Anaxágoras, estabeleceu suas bases no terceiro livro do *De Anima*: para que o intelecto humano possa receber a forma intelectual – ou “espécie inteligível” – de tudo o que pode ser conhecido, é necessário que, em sua essência, ele não possua forma alguma, sendo, antes, distinto em relação a tudo o que possa gerar uma forma intelectualmente cognoscível⁵. Se é verdade que todos os entes mundanos podem potencialmente produzir espécies inteligíveis, então é forçoso concluir-se que, em sua essência, o intelecto não possui o modo de ser desses entes, não estando, por consequência, no mesmo domínio ontológico dos entes criados. Deus, porém, bem como as substâncias

⁴ *In. Ioh.*, n. 117 [LW III, 101, 12-14-102, 1-2].

⁵ Cf. ARISTÓTELES, *De Anima* III, 4-5.

separadas da matéria, não pode ser verdadeiramente conhecidos por meio de formas inteligíveis abstraídas da matéria. A única possibilidade de conhecimento dessas realidades baseia-se, pois, na própria essência do intelecto, no fundo da alma.

Nesse todo filosófico de base aristotélica fundar-se-á, pois, uma possibilidade de “superação do horizonte da criação”, que se diz teologicamente como “inabitação perfeita do Verbo”, e filosoficamente como “conhecimento imediato”. Em sua essência o intelecto humano possui algo de incriado, ou seja, algo distinto de tudo aquilo que ele pode conhecer pelos sentidos; nesse ponto, liberto das formas inteligíveis, ele pode conhecer o que não se deixa expressar por nenhum *medium*. E, não ausência do *medium*, isto é, no conhecimento perfeitamente imediato, intelecto e inteligível se unificam — o Verbo se faz carne.

Nesse mesmo contexto se coloca também um esforço negativo que busca remover da noção de divindade toda característica que remeta ao horizonte da criação, ou seja, à pretensão de se chegar ao conhecimento de Deus por meio de espécies inteligíveis. Duas séries de artigos relacionam-se explicitamente com essa tentativa. Primeiramente, o conjunto formado pelos artigos 1, 2 e 3 combate a imagem uma criação contingente, o que impede que a característica “criador” se torne uma espécie inteligível da realidade de Deus. Além disso, também a série de artigos 7, 8, 9, 25 e 28 representa a radicalização da “remoção” em Deus de todas as características das criaturas, mesmo daquelas que exprimem algo de positivo como o “bem” e o “mais”, e igualmente de todo relacionar-se com Deus que tem por base o modo de ser das criaturas.

A esse esforço negativo segue-se uma caracterização dialético-positiva — distante porém de qualquer assemelhação com as criaturas — da essência divina. Recolhida pelos artigos 23 e 24, essa caracterização tem por base a noção de “unidade”. Enquanto uno “de todos os modos e sob todos os aspectos”, Deus rejeita qualquer distinção ou dualidade, o que impede a predicação puramente positiva de sua essência. Ao predicar-lhe porém a unidade, sublinha-se apenas uma positividade negativa, expressa comumente por Eckhart com uma expressão equivalente: *negatio negationis*.

Sendo uno em sua essência, Deus será também uno em seu influxo em direção à realidade humana ou, em outras palavras, será também uno em sua unabitação. Para que isso se realize é necessário que esse evento não se reduza a uma ocorrência pessoal de um indivíduo excelente e distinto. É necessário que ocorra também em relação a cada essência individual. A unabitação, pois, em sua ocorrência epocal é una com a unabitação em cada ente que possua natureza humana — o “eu” pes-

soal e o Cristo são, nesse ponto, realidades perfeitamente unívocas. Assim retornamos ao tema do *homo divinus*, fundamentando-o agora de modo sistemático-teológico.

Ao identificar o “homem nobre” ao Cristo, ou seja, ao defender a possibilidade de o intelecto superar na existência atual sua necessária ligação com os entes materiais, o que, por sua vez, só pode encontrar fundamento num pensamento que não mais se põe sob o horizonte da criação, de uma compreensão de Deus como causa eficiente e final, Eckhart vai basicamente de encontro a três pontos significantes da doutrina ortodoxa — tomista — da Igreja: a contingência da criação, a necessária ligação *in hac vita* entre nosso intelecto e as espécies inteligíveis e, por fim, que a inabitação do Verbo se dá na natureza e não na pessoa humana⁶. A condenação desses três pontos resume o sentido da bula de 1329; um documento publicado pelo papa que cinco anos antes canonizara Tomás de Aquino.

3. *Bibliografia sobre a In agro dominico*

3.1. Edições

P. H. DENIFLE, Akten zum Prozesse Meister Eckeharts, *Archiv für Literatur- und Kirchengeschichte des Mittelalters* 2 (1886): 636-640.

M.-H. LAURENT, Autour du procès de Maître Eckhart: les documents des Archives Vaticanes, *Divus Thomas* 39 (1936): 435-444.

3.2. Traduções modernas

Meister Eckhart. An Introduction to the Study of His Works with an Anthology of His Sermons, (org. e trad. James M. Clark), London et alii, 1957, 253-258.

Meister Eckhart. Deutsche Predigten und Traktate, (org. e trad. Josef Quint), München, 1963, 449-455.

Maître Eckhart. Traités et sermons, (trad. Alain de Libera), Paris, 1993, 407-415 (a tradução da *In agro dominico* é creditada todavia a F. Albier e J Molitor).

⁶ Cf. *In Ioh.*, n. 289 [LW III, 241, 5 ss]: “Deve-se notar, em segundo lugar, que Deus, o Verbo, assumiu a natureza, e não a pessoa humana.”. E “(...) que em nós todos a natureza é perfeitamente comum, ou seja, unívoca, à do Cristo”. Cf. tb. em Tomás de Aquino a posição tradicional: sobre a criação cf. *Sth* I, q. 46, a.1; sobre o conhecimento intelectual cf. *Sth* I, q. 84, a.7; sobre o sentido da encarnação cf. *Sth* III, q.1, a.1-2.

3.3. Literatura

EDMUND COLLEDGE, Eckhart's Orthodoxy Reconsidered, *New Blackfriars* 71 (1990): 176-184.

OLIVER DAVIES, Why Were Eckhart's Propositions Condemned? *New Blackfriars* 71 (1990): 433-445.

Eckardus Theutonicus, homo doctus et sanctus. Nachweise und Berichte zum Prozeß gegen Meister Eckhart, (org. H. Stirnimann e R. Imbach), Freiburg (Schweiz), 1992.

MEISTER ECKHART, *Werke I*, (org. Niklaus Largier), Frankfurt a. M., 1993, 722-728.

JOSEF KOCH, Kritische Studien zum Leben Meister Eckharts, in IDEM, *Kleine Schriften I*, Roma, 1973, 247-347.

BERNARD MCGINN, Eckhart's Condemnation Reconsidered, *The Thomist*, 44 (1980): 390-414.

DIETMAR MIETH, Gescheitert und doch fruchtbar. Gründe und Hintergründe des Prozesses gegen Meister Eckhart, in *Gegenentwürfe. 24 Lebensläufe für eine andere Theologie*, (org. G. Häring e K.-J. Kuschel), München, 1988, 81-95.

JÜRGEN MIETHKE, Der Prozeß gegen Meister Eckhart im Rahmen der spätmittelalterlichen Lehrzuchtverfahren gegen Dominikanertheologen, in *Meister Eckhart: Lebensstationen-Redesituationen*, (org. Klaus Jacobi), Berlin, 1997, 353-375.

KURT RUH, *Meister Eckhart. Theologe, Prediger, Mystiker*, München, 1989, 168-186.

JOSEPH-IGNASI SARANYANA, Meister Eckhart. Eine Nachlese der Kölner Kontroverse (1326), in *Die Kölner Universität im Mittelalter*, (org. A. Zimmermann), Berlin/New York, 1989, 212-226.

GEORG STEER, Der Prozeß gegen Meister Eckhart und die Folgen, *Literaturwissenschaftliches Jahrbuch*, Neue Folge 27 (1986): 49-64.

LORIS STURLESE, Die Kölner Eckhartisten. Das Studium generale der deutschen Dominikaner und die Verurteilung der Thesen Meister Eckharts, in *Die Kölner Universität im Mittelalter*, (org. A. Zimmermann), Berlin/New York, 1989: 192-211.

WINFRIED TRUSEN. «Meister Eckhart vor seinen Richtern und Zensoren. Eine Kritik falsch gedeutete Redesituationen, in *Meister Eckhart: Lebensstationen-Redesituationen*, (org. Klaus Jacobi), Berlin, 1997, 335-352.

WINFRIED TRUSEN, *Der Prozeß gegen Meister Eckhart. Vorgeschichte, Verlauf und Folgen*, Paderborn et alii, 1988.

4. *Texto da bula In agro dominico, de
27 de março de 1329, na qual são
condenados 28 artigos extraídos da obra
de Mestre Eckhart**

Iohannes episcopus, servus servorum Dei, ad perpetuam rei memoriam.

In agro dominico, cuius dispositione superna licet immeriti sumus custodes et operarii, oportet nos sic vigilanter et prudenter spiritualem exercere culturam, ut, si quando in eo inimicus homo supra semen veritatis zizania seminet, priusquam se in incrementa noxie pullulationis extollant, prefocentur in ortu, ut enecato semine viciorum et spinis errorum evulsis leta seges veritatis catholice coalescat.

Sane dolenter referimus, quod quidam hiis temporibus de partibus Theutonie, Ekardus nomine, doctorque, ut fertur, sacre pagine ac professor ordinis fratrum Predicatorum, plura voluit sapere quam oportuit et non ad sobrietatem neque secundum mensuram fidei, quia a veritate auditum avertens ad fabulas se convertit.

Per illum enim patrem mendacii, qui se frequenter in lucis angelum transfigurat, ut obscuram et tetram caliginem sensuum pro lumine veritatis effundat, homo iste seductus contra lucidissimam veritatem fidei in agro ecclesie spinas et tribulos germinans ac nocivos carduos et venenosos palliuos producere satagens, dogmatizavit multa fidem veram in cordibus multorum obnubilantia, que docuit quamaxime coram vulgo simplici in suis predicationibus, que etiam redegit in scriptis.

Ex inquisitione siquidem contra eum super hiis auctoritate venerabilis fratris nostri Henrici Coloniensis archiepiscopi, pius facta, et tandem auctoritate nostra in Romana Curia renovata, comperimus, evidenter constare per confessionem eiusdem Ekardi, quod ipse predicavit, dogmatizavit et scripsit viginti sex articulos, tenorem, qui sequitur, continentes:

[1] Primus articulus. Interrogatus quandoque, quare Deus mundum non prius produxerit, respondit tunc, sicut nunc, quod Deus non potuit primo producere mundum, quia res non potest agere, antequam sit; unde quam cito Deus fuit, tam cito mundum creavit.

[2] Secundus articulus. Item, concedi potest mundum fuisse ab eterno.

* Tomamos por base a edição publicada de M.-H. Laurent em 1936. Dessa divergimos apenas em raros momentos, preferindo nesses casos o texto de P. H. Denifle de 1886. Não obstante, todos os pontos de divergência foram assinalados por notas de rodapé, que permitem ao leitor reconstruir a leitura de Laurent.

[3] Tertius articulus. Item, simul et semel, quando Deus fuit, quando filium sibi coeternum per omnia coequalem Deum genuit, etiam mundum creavit.

[4] Quartus articulus. Item, in omni opere, etiam malo – malo inquam tam pene quam culpae – manifestatur et relucet equaliter gloria Dei.

[5] Quintus articulus. Item, vituperans quempiam vituperio, ipso peccato vituperii laudat Deum, et quo plus vituperat et gravius peccat, amplius Deum laudat.

[6] Sextus articulus. Item, Deum ipsum quis blasphemando Deum laudat.

[7] Septimus Articulus. Item, quod petens hoc aut hoc malum petit et male, quia negationem boni et negationem Dei petit, et orat Deum sibi negari.

[8] Octavus articulus. Qui non intendunt res nec honores nec utilitatem nec devotionem internam nec sanctitatem nec premium nec regnum celorum, sed omnibus hiis renuntiaverunt, etiam quod suum est: in illis hominibus honoratur Deus.

[9] Nonus articulus. Ego nuper cogitavi, utrum ego vellem aliquid recipere a Deo vel desiderare. Ego volo de hoc valde bene deliberare, quia ubi ego essem accipiens a Deo, ibi essem ego sub eo vel infra eum, sicut unus famulus vel servus, et ipse sicut dominus in dando; et sic non debemus esse in eterna vita.

[10] Decimus articulus. Nos transformamur totaliter in Deum et convertimur in eum; simili modo, sicut in sacramento panis convertitur in corpus Christi, sic ego convertor in eum, quod ipse operatur me suum esse unum, non simile. Per viventem Deum verum est, quod ibi nulla est distinctio.

[11] Undecimus articulus. Quicquid Deus pater dedit filio suo unigenito in humana natura, hoc totum dedit michi. Hic nichil excipio, nec unionem nec sanctitatem, sed totum dedit michi sicut sibi.

[12] Duodecimus articulus. Quicquid dicit sacra scriptura de Christo, hoc etiam totum verificatur de omni bono et divino homine.

[13] Terciusdecimus articulus. Quicquid proprium est divine nature, hoc totum proprium est homini iusto et divino. Propter hoc iste homo operatur, quicquid Deus operatur, et creavit una cum Deo celum et terram, et est generator verbi eterni, et Deus sine tali homine nesciret quicquam facere.

[14] Quartusdecimus articulus. Bonus homo debet sic conformare voluntatem suam voluntati divine, quod ipse velit quicquid Deus vult. Quia Deus vult aliquo modo me peccasse, nollem ego quod ego peccata non commissem, et hec est vera penitentia.

[15] Quintusdecimus articulus. Si homo commisisset mille peccata mortalia, si talis homo esset recte dispositus, non deberet velle se ea non commisisse.

[16] Sextusdecimus articulus. Deus proprie non precipit actum exteriorem.

[17] Decimusseptimus articulus. Actus exterior non est proprie bonus nec divinus, nec operatur ipsum Deus proprie neque parit.

[18] Decimusoctavus articulus. Afferamus fructum actuum non exteriorum, qui nos bonos non faciunt, sed actuum interiorum, quos pater in nobis manens facit et operatur.

[19] Decimusnonus articulus. Deus animas amat, non opus extra.

[20] Vicesimus articulus. Quod bonus homo est unigenitus filius Dei.

[21] Vicesimusprimus articulus. Homo nobilis est ille unigenitus filius Dei, quem pater eternaliter genuit.

[22] Vicesimussecundus articulus. Pater generat me suum filium et eundem filium. Quicquid Deus operatur, hoc est unum; propter hoc generat ipse me suum filium sine omni distinctione.

[23] Vicesimustercius articulus. Deus est unus omnibus modis et secundum omnem rationem, ita ut in ipso non sit invenire aliquam multitudinem in intellectu vel extra intellectum; qui enim duo videt vel distinctionem videt, Deum non videt. Deus enim unus est extra numerum et supra numerum, nec ponit in unum cum aliquo. Sequitur: nulla igitur distinctio in ipso Deo esse potest aut intelligi.

[24] Vicesimusquartus articulus. Omnis distinctio est a Deo aliena, neque in natura neque in personis. Probat: quia natura ipsa est una et hoc unum, et quelibet persona est una et id ipsum unum quod natura.

[25] Vicesimusquintus articulus. Cum dicitur: «Symon, diligis me plus hiis?» sensus est, id est, plus quam istos, et bene quidem, sed non perfecte. In primo enim et secundo et plus et minus et gradus est et ordo, in uno autem nec gradus est nec ordo. Qui igitur diligit Deum plus quam proximum, bene quidem, sed nondum perfecte.

[26] Vicesimussextus articulus. Omnes creature sunt unum purum nichil. Non dico, quod sint quid modicum vel aliquid, sed quod sint unum purum nichil.

Obiectum preterea extitit dicto Ekardo, quod predicaverat alios duos articulos sub his verbis:

[27] Primus articulus. Aliquid est in amina, quod est increatum et increabile; si tota anima esset talis, esset increata et increabilis; et hoc est intellectus.

[28] Secundus articulus. Quod Deus non est bonus neque melior neque optimus; ita male dico, quandocunque voco Deum bonum, ac si ego album vocarem nigrum.

Verum nos omnes suprascriptos articulos per multos sacre theologie doctores examinari fecimus, et nos ipsi cum fratribus nostris illos examinavimus diligenter. Et demum, quia tam per relationem doctorum ipsorum quam per examinationem nostram invenimus primos quindecim memoratos articulos et duos etiam alios ultimos tam ex suorum sono verborum quam ex suarum connexionem sententiarum errorem seu labem heresis continere, alios vero undecim, quorum primus incipit: «Deus non precipit», et cetera, reperimus nimis male sonare et multum esse temerarios de heresique suspectos, licet cum multis expositionibus et suppletionibus sensum catholicum formare valeant vel habere: ne articuli huiusmodi seu contenta in eis corda simplicium, apud quos predicati fuerunt, ultra inficere valeant, neve apud illos vel alios quomodolibet invalescant, Nos⁷ de dictorum fratrum nostrorum consilio prefatos quindecim primos articulos et duos alios ultimos⁸ tanquam hereticos, dictos vero alios undecim tanquam male sonantes, temerarios et suspectos de heresi, ac nichilominus libros quoslibet seu opuscula eiusdem Ekardi, prefatos articulos seu eorum aliquem continentes, dampnamus et reprobamus expresse.

Si qui vero eosdem articulos pertinaciter defendere vel approbare presumpserint, contra illos, qui predictos quindecim articulos et duos alios ultimos seu eorum aliquem sic defenderint aut approbaverint tanquam contra hereticos, adversus vero eos, qui alios dictos undecim articulos, prout sonant verba eorum, defenderint aut approbaverint, velut contra suspectos de heresi procedi volumus et mandamus.

Porro, tam illis, apud quos prefati articuli predicati seu dogmatizati fuerunt, quam quibuslibet aliis ad quorum devenere notitiam, volumus notum esse, quod, prout constat per publicum instrumentum inde confectum, prefatus Ekardus in fine vite sue fidem catholicam profitens predictos viginti sex articulos, quos se predicasse confessus extitit, necnon quecunque alia per eum scripta et docta, sive in scolis sive in predicationibus, que possent generare in mentibus fidelium sensum hereticum vel erroneum ac vere fidei inimicum, quantum ad illum sensum revocavit ac etiam reprobavit et haberi voluit pro simpliciter et totaliter revocatis, ac si illos et illa singillatim et singulariter revocasset, determinationi apostolice sedis et nostre tam se quam scripta sua et dicta omnia summittendo.

Datum Avinione, VI. kal. aprilis, pontificatus nostri anno tertio decimo.

⁷ invalescant, Nos| invalescant. Nos *LAURENT*.

⁸ ultimos| ultimo *LAURENT*.

—

*5. Tradução da bula In agro dominico,
de 27 de março de 1329, na qual são
condenados 28 artigos extraídos da obra
de Mestre Eckhart**

João, bispo, servo dos servos de Deus, em constante memória do ofício.

No campo do Senhor, no qual por disposição superior e imerecidamente somos guardiães e lavradores, devemos exercer o cultivo espiritual com vigilância e prudência, de modo a, se porventura um inimigo semear ervas daninhas sobre a semente da verdade, elas sejam sufocadas em sua origem, antes de se multiplicarem em um pulular altamente nocivo, a fim de que, destruída a semente dos vícios e arrancados os espinhos dos erros, a copiosa plantação da verdade católica se fortifique.

Com muito pesar participamos que nestes tempos alguém das regiões alemãs, de nome Eckhart, doutor, segundo nos foi informado, nas Escrituras Santas e professor da ordem dos Frades Pregadores, quis saber mais que o conveniente, não mantendo a sobriedade nem a conformidade com a medida da fé, pois, desviando seu ouvido da verdade, entregou-se às fabulas.

Seduzido, com efeito, pelo pai da mentira, que freqüentemente toma a forma de um anjo de luz a fim de espalhar as sombrias e profundas trevas dos sentidos no lugar da claridade da verdade, esse homem, semeando no campo da Igreja, contra a lucidíssima verdade da fé, espinhos e tribulos, e esforçando-se para daí crescerem cardos nocivos e sarças venenosas, ensinou muitas coisas que obliteraram a verdadeira fé no coração de numerosos fiéis, expostas principalmente em suas pregações ao povo simples, mas também registradas em seus escritos.

A partir da investigação feita contra ele, primeiramente por ordem de nosso venerável irmão Henrique, arcebispo de Colônia, e finalmente retomada por nossa ordem pela Cúria romana, comprovamos, a partir da concordância do próprio Eckhart, ter ele pregado, ensinado e escrito vinte e seis artigos cujo conteúdo é o seguinte:

[1] Primeiro artigo. Perguntado um dia por que Deus não havia criado o mundo mais cedo, ele respondeu, tanto outrora como agora, que Deus não pôde criar o mundo mais cedo, pois nada pode agir antes de ser; donde tão logo Deus foi, Ele criou o mundo.

* Indicamos, entre colchetes, e sempre que possível, a passagem da obra de Eckhart que serviu de fonte a cada um dos artigos inventariados.

[*In Gen. I, n. 7, LW I, 190*]

[2] Segundo artigo. Igualmente, pode-se conceder que o mundo tenha existido desde a eternidade.

[*In Ioh., n. 216, LW III, 181*]

[3] Terceiro artigo. Igualmente, no mesmo instante e no mesmo ato em que Deus foi e engendrou seu Filho a si coeterno e em tudo igual a Deus, Ele criou também o mundo.

[*In Gen. I, n. 7, LW I, 190*]

[4] Quarto artigo. Igualmente, em toda obra, mesmo nas más – más de acordo com a pena e a culpa – manifesta-se e reluz de maneira equânime a glória de Deus.

[*In Ioh., n. 494, LW III, 426*]

[5] Quinto artigo. Igualmente, aquele que vitupera um outro, louva a Deus pelo vitupério, ou seja, pelo pecado mesmo do vitupério, e quanto mais vitupera e mais gravemente peca, mais louva a Deus.

[*In Ioh., n. 494, LW III, 426*]

[6] Sexto artigo. Igualmente, mesmo aquele que blasfema Deus, louva a Deus.

[*In Ioh., n. 494, LW III, 426*]

[7] Sétimo artigo. Igualmente, aquele que pede isso ou aquilo pede o mal e pede mal, pois pede a negação do bem e a negação de Deus; ora, portanto, para que Deus lhe seja negado.

[*In Ioh., n. 611, LW III, 534*]

[8] Oitavo artigo. Aqueles que não têm em vista nem os bens, nem as honras, nem as vantagens, nem a devoção interna, nem a santidade, nem a recompensa, nem o reinos dos céus, mas, antes, renunciaram a tudo isso e também ao que é seu – nesses homens Deus é honrado.

[*Pr. 6, DW I, 100*]

[9] Nono artigo. Estive recentemente refletindo se eu gostaria de receber ou desejar alguma coisa de Deus. E quero considerar isso com muita atenção, pois, em aceitando algo de Deus, eu estaria abaixo Dele, ou em inferioridade em relação a Ele, tal qual um servidor ou escravo, e Ele mesmo, enquanto doador, seria como um senhor. E não é assim que devemos ser na vida eterna.

[*Pr. 6, DW I, 112*]

[10] Décimo artigo. Nós seremos totalmente transformados em Deus e seremos Nele transfigurados do mesmo modo que, no sacramento, o pão torna-se o corpo de Cristo. Eu serei transfigurado Nele, pois Ele próprio me fez uno com o seu ser, e não semelhante ao seu ser. Pelo Deus vivente, é verdade que aí não existe qualquer distinção.

[Pr. 6, DW I, 110s]

[11] Décimo primeiro artigo. Tudo o que Deus Pai deu a seu Filho unigênito em sua natureza humana, ele deu-me inteiramente e sem nenhuma exceção, nem em união nem em santidade. Ele deu-me tudo, na exata medida em que lhe deu.

[Pr. 5a, DW I, 77]

[12] Décimo segundo artigo. Tudo o que a Sagrada Escritura diz sobre Cristo cumpre-se integralmente em todo homem bom e divino.

[Pr. 24, DW I, 421s]

[13] Décimo terceiro artigo. Tudo o que é próprio à natureza divina é integralmente próprio ao homem justo e divino. Assim, esse homem opera tudo o que Deus opera, tendo criado o céu e a terra em união com Deus e sendo gerador do Verbo eterno; e sem tal homem Deus não saberia o que fazer.

[Fonte desconhecida]

[14] Décimo quarto artigo. O homem bom deve conformar sua vontade à vontade de Deus, de maneira que ele queira tudo o que Deus quer. E como Deus quer, de alguma forma, que eu tenha pecado, eu não quero não ter pecado – e essa é a verdadeira penitência.

[BgT, DW V, 22]

[15] Décimo quinto artigo. Se um homem cometesse mil pecados mortais, e tal homem estivesse em uma disposição justa, ele não teria de querer não os ter cometido.

[RdU, DW I, 233]

[16] Décimo sexto artigo. Deus não prescreve propriamente nenhum ato exterior.

[In Gen. II, n. 165, LW I, 634]

[17] Décimo sétimo artigo. O ato exterior não é propriamente bom nem divino, não sendo Deus que propriamente o opera nem o faz existir.

[In Gen. II, n. 165, LW I, 635]

[18] Décimo oitavo artigo. Não portemos o fruto dos atos exteriores, que não nos tornam bons, mas o dos atos interiores, os quais o Pai que habita em nós produz e opera.

[*In Ioh.*, n. 646, *LW III*, 561]

[19] Décimo nono artigo. Deus ama as almas, não as obras exteriores.

[*In Sap.*, n. 226, *LW II*, 560s]

[20] Vigésimo artigo. O homem bom é o Filho unigênito de Deus.

[*Pr. 14, DW I*, 239]

[21] Vigésimo primeiro artigo. O homem nobre é aquele Filho unigênito de Deus que o Pai engendrou desde a eternidade.

[*Pr. 14, DW I*, 239]

[22] Vigésimo segundo artigo. O Pai me engendra como seu Filho e como o mesmo Filho. Tudo o que Deus opera é uno: por isso ele me engendra como seu Filho, sem nenhuma distinção.

[*Pr. 6, DW I*, 109s]

[23] Vigésimo terceiro artigo. Deus é uno de todos os modos e sob todos os aspectos, não podendo encontrar-se Nele nenhuma multiplicidade, quer do intelecto, quer extramental. Quem quer que veja dualidade ou distinção não vê Deus, pois Deus é uno, além do número e acima do número, não formando unidade com coisa alguma. Donde não se poder ter nem conceber nenhuma distinção em Deus mesmo.

[*In Ex.*, n. 60, *LW II*, 66]

[24] Vigésimo quarto artigo. Toda distinção é estranha a Deus, seja na natureza ou nas pessoas. Demonstração: sua natureza é una e o próprio Uno e, igualmente, cada pessoa é una e o próprio Uno que é a sua natureza.

[*VeM, DWV*, 114s]

[25] Vigésimo quinto artigo. Quando é dito: “Simão, tu me amas mais que a estes?”⁹ o sentido é: mais que a estes, ou seja, de uma boa maneira, todavia não perfeitamente. No “primeiro” e “segundo”, no “mais” e “menos”, existe uma gradação e uma ordem. Aquele, portanto, que ama a Deus mais que ao seu próximo, o ama de uma boa maneira, mas ainda não perfeitamente.

[*In Ioh.*, n. 728, *LW III*, 636]

⁹ *Jo* 21, 15.

[26] Vigésimo sexto artigo. Todas as criaturas são um puro nada. Não digo que elas sejam algo ínfimo ou alguma coisa, mas que elas são um puro nada.

[Pr. 4, *DWI*, 69s]

Além disso, dá-se a conhecer ter o supracitado Eckhart pregado dois outros artigos, nos seguintes termos:

[27] Primeiro artigo. Existe algo na alma que é incriado e incriável. Se a alma inteira fosse como tal, seria incriada e incriável: e isso é o intelecto.

[Pr. 13, *DWI*, 220]

[28] Segundo artigo. Deus não é bom, nem melhor, nem ótimo. Quando eu chamo Deus de bom, falo tão inadequadamente quanto se chamasse o branco de negro.

[Pr. 9, *DWI*, 148]

Fizemos então examinar todos os supracitados artigos por numerosos doutores em sacra teologia, e nós mesmos, junto com nossos irmãos, analisamo-los diligentemente. E finalmente, tanto pelo relato dos próprios doutores quanto por nosso exame, constatamos que os quinze primeiros artigos, e igualmente os dois últimos, tanto pelo som de suas palavras quanto pelo encadeamento de seus termos, contêm erros ou a mácula da heresia. Os onze restantes, sendo o primeiro aquele que começa por “Deus não prescreve etc”, consideramo-los assaz mal sonantes, muito temerários e suspeitos de heresia, se bem que com o auxílio de muitas explicações e suplementos possam ganhar ou possuir um sentido católico. Para que artigos dessa ordem ou seus conteúdos não possam continuar a corromper o coração das pessoas simples às quais eles foram pregados e nem tornem-se, de algum modo, populares junto a eles ou a outros, nós, sob o conselho de nossos supracitados irmãos, condenamos e reprovamos categoricamente como heréticos os quinze primeiros artigos e os dois últimos, e como mal sonantes, temerários e suspeitos de heresia os onze artigos restantes e, do mesmo modo, todos os livros e opúsculos do referido Eckhart que contenham os ditos artigos ou algum deles.

Se, em verdade, alguém persistir em ousar defender ou aprovar tais artigos, queremos e ordenamos que contra os que defenderem ou aprovarem os quinze primeiros artigos e os dois últimos, ou algum deles, proceda-se como contra heréticos, e contra os que defenderem ou aprovarem os restantes onze artigos quanto ao seu sentido literal, proceda-se como contra suspeitos de heresia.

Além disso, queremos também comunicar àqueles a quem os ditos artigos foram pregados ou ensinados como doutrina, e também a todos

os outros que chegaram ao seu conhecimento, que o mencionado Eckhart, no fim de sua vida, por meio de um documento público e confeccionado para esse fim, reconhecendo sua fé católica, renunciara e reprovava quanto ao seu conteúdo os vinte e seis artigos citados, os quais reconheceu ter pregado, e igualmente todos os seus escritos e ensinamentos, seja na Escola ou em seus sermões, que pudessem produzir na alma dos fiéis um sentido herético ou errôneo, inimigo da verdadeira fé, querendo que estes fossem tomados como simples e integralmente revogados, como se ele os tivesse revogado um a um particularmente, pela sua completa submissão, tanto de sua pessoa quanto de seus escritos e palavras, à determinação da Sede Apostólica e à nossa.

Dado em Avignon, seis dias antes das calendas de abril, no décimo terceiro ano de nosso pontificado¹⁰.

Endereço do Autor:
Thomas-Institut
Universitätsstraße 22
D-50923 Colônia — Alemanha

¹⁰ 27 de março de 1329 do calendário atual.